

## **A FILOSOFIA DE DELEUZE É UMA FILOSOFIA DOS MUNDOS IMPOSSÍVEIS?**

IS THE DELEUZE'S PHILOSOPHY A PHILOSOPHY OF THE IMPOSSIBLE WORLDS?

*Jairo Dias Carvalho<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

O artigo trata da problematização da filosofia de Deleuze a partir da noção de mundos impossíveis. Sua filosofia ao pressupor que todos os mundos possíveis devem fazer parte do mesmo mundo ou a sua tentativa de inclusão e coexistência de todos os mundos em um mesmo mundo é uma filosofia dos mundos impossíveis?

Palavras-Chave: Deleuze, mundos impossíveis, mundos possíveis, arte, virtual, Leibniz

### **ABSTRACT:**

The article seeks to problematize the philosophy of Deleuze from the notion of impossible worlds. Can we say that when he presupposes that all the possible worlds shall be a part of the same world, including and coexisting in the same world, he is talking about impossible worlds?

Key-Words: Deleuze, impossible worlds, possible worlds, art, virtual, Leibniz.

### **INTRODUÇÃO**

O problema que abordamos no texto se refere às considerações feitas por Dolezel (DOLEZEL, 1999, p.310-16) acerca do uso do conceito de mundos impossíveis feitos pela literatura a partir da violação do princípio de compossibilidade da filosofia de Leibniz. Dolezel diz que, embora, Leibniz tenha imposto uma restrição lógica aos mundos possíveis, a de que as coisas possíveis são aquelas que não implicam contradição e, portanto, os mundos que implicam contradições são impossíveis, impensáveis e vazios, sua filosofia deixou aberta a variedade de seus desenhos. É que para Leibniz, o mundo atual é escolhido entre outros mundos possíveis, mas antes da escolha divina, as possibilidades são repartidas em mundos a partir de um critério de organização no entendimento divino. Este critério é o princípio de compossibilidade que preconiza a co-existência de possíveis que podem produzir mais

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFMG. Professor do Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [jairodc\\_8@hotmail.com](mailto:jairodc_8@hotmail.com). Artigo recebido em 16/06/2013 e aprovado para publicação em 15/10/2013.

inteligibilidade, realidade e perfeição em conjunto. Assim, o entendimento é não somente a região dos possíveis, mas de sua repartição, já que o possível que aí reside é regido por relações de incompatibilidade e de compatibilidade no sentido da sua maior perfeição na existência conjunta. O critério da distribuição e repartição, no entendimento divino, dos possíveis em mundos, segundo sua compatibilidade é a comunicação de Deus ao mundo. Isto explica porque os possíveis se repartem em mundos, se combinam ou se excluem, ou seja, porque há tais possíveis em relação ou tal seqüência, tal série, tais indivíduos. Os outros mundos são excluídos da atualização por que não permitem Deus se comunicar perfeitamente. Então, Deus não pensa separadamente os possíveis, mas os distribui em mundos, em relações internas a mundos. Essas relações internas constituem totalidades consistentes nas quais os termos estão implicados uns nos outros. É a partir dessa partilha primitiva que os mundos possíveis serão comparados em vista da criação do melhor.

Diante disto, Dolezel afirma que a compossibilidade dependem da ordem global do mundo e que há um vínculo necessário entre as leis do mundo e a compossibilidade de seus componentes. Dois mundos possíveis quaisquer cessam de ser compossíveis quando não existe uma lei geral ao quais ambos se ajustem ou quando se ajustam a leis diferentes. O que significa que é o ajuste comum a uma lei geral que torna dois possíveis compossíveis entre si. Aceitar uma lei geral de mundo é excluir possibilidades e introduzir uma restrição na esfera dos indivíduos possíveis que compõem este mundo. Dolezel diz que quando esta ordem é anulada reúnem-se congregações chocantes. E elas caracterizariam o que chama de mundos impossíveis. As anomalias somente confirmam que a compossibilidade depende da ordem global do mundo ficcional. Se para Deleuze a arte expressa a existência de mundos e universos possíveis (DELEUZE, 1992, p.230) e se aceitarmos sua proposição de que os mundos possíveis devem estar todos à disposição ou serem afirmados em um único mundo, poderemos dizer que sua filosofia consideraria arte como expressando mundo impossíveis? A violação do princípio de impossibilidade de Leibniz torna a filosofia de Deleuze uma filosofia que concebe mundos impossíveis?

## A INCOMPOSSIBILIDADE

Podemos dizer que, em Leibniz, cada mundo, cada articulação seqüencial ou versão completa possui um vetor de organização determinado a partir do critério do melhor: tratar-se-ia de saber qual seria a melhor série a partir da qual o problema da comunicação de Deus ao mundo seria resolvido. Os mundos possíveis são versões diferentes estipuladas pelo entendimento divino para determinar qual seria a melhor seqüência de mundo para Deus se comunicar. Eles são casos de solução, versões diferentes de soluções para este problema. Um mundo possível é uma seqüência determinada de conseqüências concebida para resolver este problema. Cada um deles possui determinada articulação, distribuição, combinação de graus de perfeição e imperfeição, de bem e de mal, sendo cada um, uma estimativa dessa co-relação. O mundo atual é o que foi estimado a partir desse problema como o melhor caso de solução.

Podemos dizer que para Leibniz, cada mundo possível possui determinada seqüência, simultaneidade, continuidade e articulação entre séries de acontecimentos. Um mundo possível possui inúmeras seqüências, chamadas de séries, que se cruzam, se encontram, se relacionam ou mesmo se ignoram, mas que se reportam a uma mesma história de mundo e refletem o mesmo mundo. Cada um deles possui determinada seqüência, simultaneidade, continuidade e articulação entre suas séries. Um mundo possível é uma série completa e, portanto, possui inúmeras séries que coexistem, são simultâneas, sucessivas, contínuas, convergentes e que se interpenetram. Estas versões possíveis de uma mesma história serão chamadas de impossíveis entre si, já que para Leibniz uma Série não poderia estar contida em outra, pois todas e cada uma delas estão completas. Como as diferentes articulações são diferentes, cada mundo é dito impossível com outro. Isto significa que as diferentes congregações não podem ser reunidas em uma série única. Para Leibniz há um número infinito de séries de coisas possíveis e como cada série está completa uma não pode estar contida na outra. Os elementos destas séries se auto-impedem de existir conjuntamente por causa da relações internas que mantêm em cada mundo. Mundos diferentes possuem diferentes prolongamentos, convergências, continuidades e simultaneidades de séries. Os mundos aonde as séries, por princípio podem continuar uma na outra de alguma maneira são chamados de internamente possíveis. Já os mundos aonde não se pode observar a continuidade possível entre séries, aonde haveria um hiato no *continuum* e continuidade entre

elas seria chamado de mundo impossível. Quando não se pode estabelecer uma seqüência, uma determinada anterioridade e posteridade ou quando o que se segue não é consequência de uma determinada anterioridade, então estas duas séries são repartidas e distribuídas em diferentes mundos, mas quando não ocorre esta distribuição e elas são postas a coexistirem, então, estamos lidando com um mundo internamente impossível. Séries são descontínuas quando os sistemas de relações aos quais estão inseridas diferem uns dos outros. Quando uma série, por princípio não pode se prolongar, continuar ou convergir com outra, ela pertence a articulações globais diferentes e, portanto, será chamada de impossível em relação à outra. Mas, se há continuidade ou simultaneidade e seqüência de alguma maneira, então há possibilidade. A descontinuidade entre as séries significa uma diferença ou quebra de uma seqüência espaço-temporal e causal. A ruptura na seqüência implica outra continuidade em outro mundo.

Cada totalidade ou Série completa possui uma determinação interna que insere suas séries numa determinada continuidade, seqüência e convergência. Os mundos serão chamados de impossíveis porque suas seqüências e continuidades divergem, não podem coexistir e se e reunir em uma série única. As versões completas diferentes serão ditas impossíveis, ou seja, elas não podem coexistir, serem conjugadas, misturadas, interpenetradas e se relacionarem em uma série única porque se auto-excluem. A impossibilidade é, então, a impossibilidade da coexistência de acontecimentos e séries que pertencem a mundos diferentes porque elas estão inseridas e articuladas em sistemas completos diferentes. Os elementos desses sistemas se auto-impedem de existir conjuntamente e são incompatíveis por causa da relação que cada um deles mantém em cada sistema ou mundo.

A diferença entre os mundos estaria, assim, na divergência em relação às suas séries, na diferença entre as convergências, continuidades e simultaneidades de suas séries. Em outros mundos possíveis existiriam outras convergências e continuidades das séries. Um mundo é dito impossível com outro quando a continuidade e convergência de suas séries são diferentes das de outro, quando há divergências nas seqüências e continuidades. A impossibilidade entre os mundos se caracteriza, então, pela presença neles de outras convergências, continuidades e seqüências de suas séries. A possibilidade se caracterizaria pela continuidade, prolongamento e convergência de séries diferentes. Isto significa a inclusão e pertencimento destas séries em um mundo. A impossibilidade se caracterizaria pela inexistência de uma continuidade possível entre as séries, por um hiato no

*continuum*, pela quebra da continuidade entre elas. Para que uma série tenha coerência é preciso pressupor uma determinada anterioridade e posterioridade. Se a seqüência que se apresenta não é conseqüência de uma determinada anterioridade estas duas séries serão ditas impossíveis pois articulam seqüências e conseqüências diferentes. Elas são, então, uma em relação à outra, descontínuas e apresentam séries anteriores e posteriores diferentes e cada uma pertencerá a dois mundos possíveis diferentes, pois o sistema de relações ao qual uma está inserida exclui a outra, que estaria incluída em outro diferente sistema de relações. As diferenças de continuidade, de simultaneidade, sucessão e convergência de séries constituiriam, assim, diferentes mundos possíveis. Diremos que quando uma série, por princípio não pode se prolongar, continuar ou convergir com outra, ela pertence a articulações globais diferentes e, portanto, será chamada de impossível em relação a esta na qual não pode se prolongar e continuar. Mas, se houver continuidade ou simultaneidade e seqüência de alguma maneira, então haverá possibilidade. A descontinuidade entre as séries significa uma diferença ou quebra de uma seqüência espaço-temporal e causal. Tal ruptura na seqüência implica outra continuidade em outro mundo. Estes dois mundos descontínuos são, então, chamados de impossíveis.

## **O USO ESTÉTICO DO CONCEITO DE MUNDOS POSSÍVEIS EM DELEUZE**

Deleuze defende em *A Dobra, Leibniz e o Barroco* que os diferentes mundos que não podem coexistir e são impossíveis pertençam a um único mundo, que todas as séries de mundos impossíveis possam ser simultâneas e coexistentes. Ele diz que:

Um discípulo de Leibniz, Borges, invocava um filósofo-arquiteto-chinês, Ts' ui Pen, inventor do 'jardim das veredas que se bifurcam': labirinto barroco cujas séries infinitas convergem ou divergem e que forma uma trama de tempo abarcando todas as possibilidades. 'Fang por exemplo, detém um segredo; um desconhecido bate a sua porta; Fang decide matá-lo. Naturalmente, há vários desenlaces possíveis: Fang pode matar o intruso, o intruso pode matar Fang, ambos podem safar-se, podem ambos morrer.... Na obra de Ts' ui Pen, todos os desenlaces se produzem, sendo cada um o ponto de partida de outras bifurcações' (DELEUZE, 1991, p.97).

No texto de Borges os desenlaces de séries divergentes fazem parte do mesmo mundo e não são como em Leibniz que preconiza que as divergências são distribuídas em mundos

diferentes e por causa disso, tais mundos são chamados de impossíveis. Para Deleuze as séries divergentes existiriam simultaneamente no mesmo mundo. Ele concebe um mundo único onde ocorre a mistura, coexistência e simultaneidade entre séries divergentes, que pertenceriam a outros mundos possíveis e impossíveis, o que se chama de “afirmação de todas as séries impossíveis no mundo atual”:

Vê-se por que Borges invoca mais o filósofo chinês e menos Leibniz. É que ele desejaria, assim como Maurice Leblanc, que Deus trouxesse à existência todos os mundos impossíveis ao mesmo tempo, em vez de escolher um, o melhor. Sem dúvida, isto seria globalmente possível... mas haveria contradições locais... Mas o que sobretudo impede que Deus traga à existência todos os possíveis, mesmo impossíveis, é que ele seria nesse caso um Deus mentiroso, um Deus trapaceiro... Deus joga, mas dá regras ao jogo (contrariamente ao jogo sem regras de Borges...). A regra é que mundos possíveis não podem passar à existência se forem impossíveis com aquele que Deus escolheu.... (Idem, 1991, p. 98).

Para Whitehead... as bifurcações, as divergências, as impossibilidades e os desacordos pertencem ao mesmo mundo variegado. Num mesmo mundo caótico, as séries divergentes traçam veredas sempre bifurcantes; é um “caosmos”, como se encontra em Joyce, mas também em Maurice Leblanc, Borges ou Gombrowicz. Trata-se do desfraldar de séries divergentes no mesmo mundo, com sua irrupção de impossibilidades na mesma cena, ali onde Sexto viola e não viola Lucrecia, onde César atravessa e não atravessa o Rubicão, onde Fang mata, é morto, e não mata nem é morto. (Ibidem, 1991, p.125).

Para Deleuze, não se trata como em Leibniz de separar a infinidade de combinações entre os possíveis em totalidades diferentes, mas de mantê-las numa única série misturando as combinações de possíveis. As séries que não são convergentes, contínuas e sequenciais porque implicam desenvolvimentos diferentes não são separadas em conjuntos coerentes, ou mundos, mas postas relação porque concebidas como simultâneas e coexistentes. Em Leibniz este mundo exclui outros possíveis porque há incompatibilidade ou exclusão recíproca entre as combinações dos possíveis. Mas Deleuze diz que sem essa repartição dos impossíveis em sistemas de mundos todos os possíveis estariam interpenetrados em Deus. Para ele os impossíveis manteriam uma relação entre si e, haveria uma continuidade entre eles. Se o Deus de Leibniz não repartisse por exclusão os acontecimentos impossíveis interpenetrados o que existiria seria todo o espaço das possibilidades contínuas entre si, que seria expresso pela arte.

Para Deleuze, Leibniz ligava as séries a uma condição de convergência sem ver que a própria divergência e as impossibilidades pertenciam a um mesmo mundo. Sua interpretação é que os diferentes mundos que não podem coexistir com o nosso são afirmados conjuntamente com ele, como no conto de Borges onde é dito que no romance de Ts’ui Pen opta-se simultaneamente por todas as alternativas existentes. Ts’ui Pen mostra que ao se

decidir por uma alternativa, não necessariamente se opta apenas por um mundo. A alternativa não escolhida não se transforma num outro mundo. O mundo de Ts'ui Pen abarca todas as alternativas enquanto mundos possíveis. O conto de Borges nos apresenta um mundo onde há a coexistência de alternativas divergentes, o que Leibniz interdita. Deleuze pretende que os mundos impossíveis pertençam a um único mundo, que haja a mistura entre as séries impossíveis, entre as séries que pertencem a vários mundos possíveis. Não se trata mais de separar a infinidade de combinações entre os possíveis em totalidades diferentes, mas de mantê-las numa única série. A coexistência simultânea de todas as séries divergentes e impossíveis, suas ramificações ou distribuições em rede e não em mundos diferentes, a comunicação, interpenetração e mistura dos impossíveis pode ser expressa pela arte. Parece que Deleuze defende a coexistência em um único mundo de todos os outros mundos impossíveis.

## O CONCEITO DE MUNDOS IMPOSSÍVEIS

Os mundos impossíveis ou objetos impossíveis são aqueles que não podem existir porque não podem ser atualizados e incorporados às conexões causais e seqüenciais do mundo atual. Trata-se de acontecimentos que não podem ocorrer ou de objetos que não podem existir ou serem pensados ou concebidos. A idéia de um mundo impossível implica a negação do possível lógico. Se as premissas lógicas são relativas a um mundo determinado, sua negação implica impossibilidade relativa, mas se tais premissas são válidas em qualquer mundo, elas são necessárias absolutamente e tal negação implica uma impossibilidade absoluta. A impossibilidade seria relativa à concepção de um mundo. E a impossibilidade absoluta seria aquilo que não pudéssemos avaliar como existente em qualquer mundo.

Para Dolezel (DOLEZEL, 1999, p.310-16) a constituição de mundos impossíveis implica a violação do princípio de não contradição. Ele diz que foi Borges no conto *O Jardim das veredas que se bifurcam* quem popularizou a técnica de desenvolvimentos alternativos de uma história. Neste conto aparece a idéia de uma imaginária novela chinesa “clássica” que constrói todas as possíveis ramificações de um argumento. Para Dolezel o texto de Borges é um modelo de uma geração infinita de mundos ficcionais. Ele diz que esta *hybris* da criação

de mundos conduz à criação de um vasto mundo impossível onde haveria histórias mutuamente contraditórias que se anulariam umas às outras. É esta crítica a Borges que estenderemos a Deleuze, pois é justamente Borges que Deleuze cita em sua defesa de um determinado uso do conceito de mundos possíveis de Leibniz.

Dolezel chama de macro-estrutura das veredas que se bifurcam o projeto de criar ficcionalmente mundos impossíveis. Trata-se de uma macro-estrutura contraditória enquanto um modelo de construção de mundos ficcionais impossíveis pois ela produz uma estrutura onde há superposição de alternativas contraditórias e irreconciliáveis. A estratégia das “veredas que se bifurcam” produz também a coexistência e combinação impossível de fragmentos narrativos descontínuos, a abertura de várias alternativas incompatíveis e o lançamento de muitas histórias diferentes que não conduzem a parte alguma. Dolezel faz também uma crítica aos textos literários onde ocorre a mistura de entidades ficcionais de ordens ontológicas diferentes, por exemplo, uma determinada entidade ficcional aparece ora como representação teatral, como escultura, como uma pintura, ora uma lembrança. Ou mesmo de uma coleção de fragmentos de mundos ficcionais diferentes que não podem coexistir, produzindo sobre-impressões de quadros discordantes desenhados para produzir equívocos entre afirmações divergentes. Haveria, assim, uma superposição e composição de realidades. A estratégia deste tipo de construção ficcional é tomar vários mundos completamente consistentes individual e separadamente e mantê-los juntos em uma superposição composta. Dolezel diz que as re-escrituras pós-modernas crescem neste solo fértil substituindo um mundo ficcional por qualquer outro, misturando entidades ficcionais de diferentes mundos narrativos ficcionais possíveis ou de diferentes esferas ontológicas, ou então de diferentes eras históricas díspares no mesmo tempo e lugar. Para ele isto violaria o princípio de compossibilidade de Leibniz. A consequência seria que tal literatura constituiria mundos ficcionais impossíveis. Deleuze ao defender um mundo único onde todos os impossíveis estivessem reunidos não defenderia, assim, a existência de um mundo impossível? Será que a violação do princípio de compossibilidade cria mundos impossíveis? Será que a defesa da impossibilidade feita por Deleuze não implica a defesa de um mundo impossível?

## CONCLUSÃO

Em Leibniz a divergência implica a configuração de séries completas, de totalidades auto-excludentes. Leibniz trabalha com o conceito de disjunção serial, um possível está em relação com outros e, portanto uma possibilidade configura uma série, o que implica que uma possibilidade se relaciona a um conjunto de outras e que uma série difere de outra a partir de sua diferença de inserção numa totalidade de relações. Não há em Leibniz a noção de uma possibilidade individual por causa da concepção da conexão de todas as coisas entre si. Uma possibilidade se apresenta, assim, na forma conectiva e,e,e,e... Cada totalidade possui uma determinação interna que insere suas séries numa determinada continuidade, seqüência e convergência. É impossível a co-existência das séries que pertencem a totalidades de relações diferentes. Em Leibniz há a distribuição das possibilidades em totalidades. Uma disjunção serial aparece quando uma situação se apresenta na forma do *ou, ou*, cada alternativa implicando uma ramificação, uma continuação, uma seqüência diferente que não convergirá com a outra, cada alternativa implicando uma série diferente, uma combinação diferente de possibilidades ou conjuntos seriais auto-excludentes. Para Leibniz a disjunção implica uma separação da divergência em totalidades seqüenciais, em mundos diferentes.

Deleuze pretende que as disjunções não impliquem repartição exclusiva e que todas pertençam ou estejam de algum modo no mesmo mundo. Para isso é preciso supor ou que a divergência não implica a configuração de séries completas, outros mundos possíveis, ou que ela implica a configuração de séries impossíveis no mesmo mundo, que não produziria a configuração de totalidades, mas de multiplicidades abertas ou o que poderíamos chamar de totalidades incompletas e qualitativamente diferentes. Neste caso as divergências não implicariam suas distribuições em sistemas diferentes, mas co-existência de todas as ramificações. Vimos que as séries diferentes que convergem constituem um mundo e que as que não podem convergir constituem outros mundos ou conjuntos excludentes. Deleuze pretende que as séries diferentes se ramificam e implicando disjunções múltiplas. Para isso ou tem que haver algo que as façam convergir ou então será preciso pensar que a diferença não implica constituição de totalidades auto-excludentes. A disjunção exclusiva separaria umas das outras séries não convergentes, e a disjunção inclusiva introduz ramificações que não se separam em mundos. De um lado elas são divergentes e constituem totalidades, de outro,

constituem disjunções ramificadas. Ocorre uma ramificação na disjunção, mas ela não constitui outro mundo. Leibniz opera com bifurcações e divergências exclusivas, que são distribuídas em seqüências completas diferentes e Deleuze como o que chama de divergência inclusiva. A disjunção pode não implicar a separação ou exclusão de mundos ou mesmo a não distribuição de séries impossíveis. Pode uma bifurcação não implicar uma separação das possibilidades em totalidades diferentes e exclusivas, mas sua articulação em rede. Isto significaria que uma série que converge em torno de um ponto relevante é capaz de, em todas as direções, prolongar-se em outras séries que convergem em torno de outros pontos relevantes sem constituir totalidades auto-excludentes. Trata-se de pensar a relação entre séries diferentes e impossíveis não através da divergência exclusiva, o que implica a separação em totalidades diferentes, mas da divergência inclusiva, o que implica uma determinada co-existência das ramificações. Mas, será que haveria um mundo único onde haveria a coexistência de totalidades incompatíveis? Ou não trata mais de totalidades fechadas, mundos, mas de multiplicidades heterogêneas? Será que é este conceito que Deleuze pretende construir para não cair na acusação de defender um mundo impossível?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, J. L. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munõz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DOLEZEL, Lubomir. *Heterocosmica: Ficción y mundos posibles*. Trad. Félix Rodríguez. Madrid: Arcos Livros, 1999.

LEIBNIZ, G. W. *Essais de Théodicée: Sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Préface et notes de Jacques Jalabert. Paris: Aubier Montaigne: 1956.

\_\_\_\_\_. *Discours de Métaphysique et correspondance avec Arnauld*. Introduction, textes et commentaire par G. Le Roy. Paris: Vrin, 1993.